

SALVADOR, 19 de março de 1967

Meu caríssimo Geraldo Rocha,

recebi sua carta de 10, que me deixou orgulhosamente baiano. Vejo que o Piauí, como Sergipe, é subúrbio da Bahia. Você sente, age, fala e escreve como baiano. E certamente deve ter ficado numa alegria enorme quando soube que se vai agora, pela nova rodovia, de Salvador a Juazeiro em seis horas. Abreviou-se o caminho deste litoral de Todos os Santos até o mundo piauiense. Demo-nos as mãos, somos provincianos da mesma terra. Mais uma razão para forte e firme amizade. E se você gostou tanto do filme de Glauber, ainda melhor.

Li a portaria nº 11 da Censura. E disse para mim mesmo: que é que houve?, reproduziram palavras que eu escrevi em novembro, no encontro dos cinemas de arte, como resolução deste. Agora, sei: foi sua magnífica interferência na defesa da ABCA. Aquela coisa do prazo de 90 dias foi genial. A ABCA está reconhecida e com força. Obrigada, em nome do Cinema de Arte da Bahia. Não tenho o que tirar nem pôr na portaria. Como está, funciona.

Diz você que "O Globo" transcreveu a carta que fiz a "A Tarde" sobre nosso Cinema de Arte: não tinha visto, porém fico contente, prova que o Cinema de Arte tem mesmo importância. Ainda que eu use, no momento, um "poeira de categoria", como você lembra e comenta, a gente bem da Bahia está indo lá nesta primeira semana, com um Bergman na tela, "Uma lição de amor". Sessões das 16 às 22 horas. Dei uma virada enorme e consegui contratar mais de noventa filmes entre inéditos e ótimos relançamentos. Veja se está boa a programação: depois do Bergman, sucessivamente, cada semana, "O homem do prego", "Um gosto de mel", "O desafio", "Sorrisos de uma noite de amor", "Lilith", "Barba ruiva" (de Curosava), "Ainda resta uma esperança" (de John Schlesinger, Urso de Ouro em Berlim), "Sempre aos domingos" ("Les dimanches de Ville d'Avrey"), "Os vingadores" (de Inegáqui), "O terceiro homem", "A bolsa da conquista", "Mickey one", "O silêncio" (versão integral). A imprensa está dando grande co

bertura. Se continuar o que vem sendo na primeira semana, um grande êxito.

Inaugurou-se afinal o "Teatro Castro Alves". Magnífico, sem dúvida. Mas, grande demais. Difícil enchê-lo: 1.600 s lugares, em poltronas belas e ~~extremamente confortáveis~~ das mais confortáveis que já vi no estrangeiro. Ar condicionado perfeito. Acústica, idem. No entanto, senti desde logo, pela programação inaugural, ao longo deste mês, que vai ser difícil mantê-lo. Vai custar sua manutenção um milhão de cruzeiros por dia. Onde arranjar esse dinheiro? E que companhias sairão do Rio e de São Paulo, para vir aqui somente por uns dias? A arte baiana ainda não dá, por outro lado, para mantê-lo sempre aberto. Um elefante branco, dizem. É preciso, porém, pensar em termos futuros. Porque é um teatro para valer também daqui a cinquenta anos, quando o nosso povo for diferente do de hoje.

A idéia do atual Secretário de Educação é de que as atividades de cultura cinematográfica --inclusive Cinema de Arte-- passem para o "Castro Alves". Se realmente o Teatro passar a ser uma fundação e eu for também para o Conselho, claro que estudarei meios de usá-lo. Mas, até agora, não há ao menos projetores de qualquer tipo.

A Bimbal foi um êxito, embora a imprensa do sul haja badalado pouquíssimo. Ciumes, pela iniciativa baiana?

Escreva-me sempre que dá alegria. Farei uma correspondência regular, vencendo minha preguiça epistolar.

Dentro de breves dias seguirá para aí, a fim de ensinar na Universidade meu amigo Pasquelino Magnevita, arquiteto. Gostaria que vocês ficassem meus amigos. Procure-o.

Iveni recomenda-se a você.

Abraços fraternais do

Boulevard Suíço, 1